AS INTERAÇÕES NO BERÇÁRIO E A ARTE COMO LINGUAGEM DO DESENVOLVIMENTO E DA AFETIVIDADE: POSSIBILIDADES E DESAFIOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

ALESSANDRA FONSECA LUZ VIEIRA

RESUMO

Este artigo discute a importância das interações no berçário e da arte como linguagem essencial para o desenvolvimento integral e afetivo dos bebês na Educação Infantil, considerando também a valorização da diversidade cultural, com ênfase nas culturas africana e indígena. Parte-se do pressuposto de que a primeira infância constitui uma etapa decisiva para a formação da subjetividade, dos vínculos emocionais e das bases da aprendizagem, sendo as interações sensíveis e as experiências estéticas elementos centrais nesse processo. Fundamentado nas contribuições de Vygotsky (1998), Wallon (2007) e Pikler (2019), bem como nas orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) e nas Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, o estudo analisa como as experiências artísticas — envolvendo sons, cores, movimentos, texturas, grafismos, cantos e narrativas — favorecem a comunicação, a expressão emocional, a construção de vínculos e os processos iniciais de significação e aprendizagem dos bebês, ao mesmo tempo em que ampliam seu repertório simbólico e cultural.

A pesquisa caracteriza-se como de natureza qualitativa, de cunho bibliográfico e exploratório, baseada na análise de obras teóricas, documentos legais e produções científicas da área da Educação Infantil. Discute-se o papel do educador como mediador sensível das interações, das experiências artísticas e dos conteúdos culturais, respeitando o ritmo, a autonomia e a singularidade de cada criança, bem como a importância da representatividade e do reconhecimento positivo das identidades étnico-raciais desde a primeira infância.

O artigo também problematiza os desafios enfrentados pelos profissionais da Educação Infantil no contexto brasileiro, como a escassez de materiais artísticos e pedagógicos representativos da diversidade étnica, a superlotação das salas, a precariedade da estrutura física das instituições, a ausência de espaços naturais e a carência de formação continuada específica para o trabalho com bebês e com a temática étnico-racial. Conclui-se que, apesar das adversidades estruturais e institucionais, as interações sensíveis mediadas pela arte e pela valorização da diversidade cultural constituem um eixo fundamental para a promoção do desenvolvimento infantil, da afetividade e da aprendizagem significativa. Defende-se, por fim, a necessidade de políticas públicas que assegurem condições dignas de trabalho, investimento em infraestrutura, materiais e formação docente, de modo a garantir o direito dos bebês a uma educação humanizadora, antirracista, sensível e de qualidade desde os primeiros anos de vida.

PALAVRAS-CHAVE: berçário; interações; arte; diversidade cultural; culturas africana e indígena; educação infantil.

1 INTRODUÇÃO

O berçário configura-se como o primeiro espaço coletivo de socialização de muitas crianças, sendo um ambiente fundamental para a construção das primeiras formas de interação, comunicação e vínculo afetivo. É nesse contexto que os bebês iniciam a descoberta do outro, do ambiente e de si mesmos, por meio de experiências mediadas pelo cuidado, pela escuta sensível e pelas relações estabelecidas com os adultos e com os pares. Essas interações constituem a base do desenvolvimento integral, uma vez que influenciam diretamente os aspectos cognitivos, emocionais, sociais e corporais da criança. Nesse cenário, a arte emerge como uma linguagem potente e essencial para a promoção de interações significativas no berçário. Antes do domínio da linguagem verbal, os bebês expressam-se por meio de gestos, sons, movimentos e explorações sensoriais, formas de comunicação que dialogam diretamente com as linguagens artísticas. A arte, portanto, possibilita vivências que integram sensibilidade, criatividade e afetividade, favorecendo o fortalecimento dos vínculos e

a ampliação das experiências de aprendizagem na primeira infância.

Historicamente, o atendimento a bebês em instituições de ensino foi marcado por uma visão meramente assistencialista e higienista, focada apenas na sobrevivência física. No entanto, a concepção contemporânea de Educação Infantil, amparada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96) e consolidada pela BNCC (2018), rompe com esse paradigma ao estabelecer que o 'educar' e o 'cuidar' são dimensões indissociáveis. Nesse sentido, o berçário deixa de ser um lugar de espera para se tornar um espaço de direitos, onde a estética e a sensibilidade devem mediar todas as ações cotidianas." Entretanto, apesar da relevância reconhecida da arte na Educação Infantil, os profissionais que atuam nos berçários enfrentam inúmeros desafios no cotidiano escolar. A precarização das condições de trabalho, a falta de materiais adequados, a sobrecarga de turmas e a ausência de espaços amplos e naturais dificultam a realização de práticas pedagógicas que valorizem a expressão artística e as interações de qualidade, comprometendo o desenvolvimento pleno das crianças. Diante desse contexto, este artigo propõe refletir sobre as interações no berçário e o papel da arte como mediadora do desenvolvimento e da afetividade, considerando tanto suas potencialidades quanto os obstáculos enfrentados pelos educadores. Busca-se, assim, evidenciar a necessidade de políticas públicas e de condições institucionais que assegurem ambientes dignos, sensíveis e estimulantes para as crianças e os profissionais da primeira

infância.

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica, baseada na análise de produções teóricas e documentos oficiais relacionados à Educação Infantil, às interações no berçário e à arte como linguagem do desenvolvimento. A reflexão proposta fundamenta-se em autores clássicos e contemporâneos da área, buscando articular teoria e prática pedagógica no contexto da primeira infância.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e exploratória. Segundo a literatura acadêmica, a pesquisa bibliográfica permite o levantamento de conhecimentos já sistematizados em livros, artigos científicos e documentos oficiais. Para a construção deste artigo, foram selecionadas obras referenciais de Lev Vygotsky, Henri Wallon e Emmi Pikler, buscando articular suas teorias com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Além disso, o estudo fundamentou- se na análise das Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, com o objetivo de discutir a implementação da diversidade cultural africana e indígena no contexto específico do berçário.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Vygotsky (1998) afirma que o desenvolvimento humano é um processo social e histórico, construído nas interações entre o sujeito e o meio. No berçário, essas interações acontecem de forma espontânea, por meio de gestos, sons, olhares e toques, sendo mediadas pelo educador, que atua como facilitador das aprendizagens. A arte, nessa perspectiva, é uma linguagem simbólica que permite ao bebê expressar suas emoções e pensamentos, mesmo antes do domínio da fala.

3.2 Wallon (2007), o desenvolvimento da criança é indissociável das emoções e das experiências afetivas. A arte, ao envolver o corpo, o movimento e a imaginação, favorece a expressão emocional e a construção do equilíbrio interno.

3.3 Emmi Pikler (2019) enfatiza que o respeito ao ritmo individual e à autonomia do bebê é essencial: o educador deve garantir um ambiente seguro, acolhedor e estimulante, que permita a exploração livre e sensorial.

3.4 A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) também reconhece a importância das interações e das experiências

estéticas na primeira infância, definindo o campo “Traços, sons, cores e formas” como essencial para o desenvolvimento da sensibilidade e da

imaginação. No entanto, transformar essas orientações em prática concreta depende diretamente das condições estruturais e humanas oferecidas às instituições de Educação Infantil.

Ao articular as contribuições de Vygotsky, Wallon e Pikler, compreende-se que o desenvolvimento infantil ocorre de maneira integrada, envolvendo interação social, afetividade e autonomia. Enquanto Vygotsky (1998) destaca o papel mediador do outro na construção das funções psicológicas, Wallon (2007) evidencia que a emoção é o eixo organizador das primeiras aprendizagens. Pikler (2019), por sua vez, reforça a importância de um ambiente que respeite o tempo e o movimento do bebê, permitindo que as interações aconteçam de forma livre e significativa. Nesse sentido, a prática pedagógica no berçário exige sensibilidade, intencionalidade e respeito à singularidade de cada criança.

Para Vygotsky (1998), o professor atua na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), sendo o mediador que oferece o suporte necessário para que o bebê realize novas descobertas sensoriais. Já na perspectiva de Wallon (2007), a criança no estágio impulsivo-emocional utiliza o corpo como principal meio de interação; portanto, a arte não é um adendo, mas a própria ferramenta de comunicação desse bebê com o mundo.

Emmi Pikler (2019), por sua vez, traz a importância da liberdade de movimento: no berçário, o 'fazer artístico' deve ser livre, sem modelos prontos, respeitando o tempo de exploração de cada materialidade pela criança.

4 A ARTE E AS INTERAÇÕES NO BERÇÁRIO: ENTRE POSSIBILIDADES E DESAFIOS

A arte no berçário amplia as possibilidades de interação e comunicação entre bebês e educadores. As experiências artísticas — como pintura com materiais naturais, exploração de sons, manipulação de texturas ou brincadeiras com elementos da natureza — estimulam os sentidos e o vínculo afetivo. Cada gesto do educador, ao oferecer materiais ou acompanhar o processo criativo, é uma oportunidade de escuta e diálogo não verbal. Entretanto, no contexto brasileiro, muitos desses processos são comprometidos por fatores estruturais e institucionais. A falta de acesso a materialidades artísticas — como tintas atóxicas, instrumentos musicais simples, argila, tecidos e livros ilustrados — limita a expressão das crianças e reduz as possibilidades de experimentação. Em muitas unidades, os professores precisam improvisar com recursos recicláveis ou doações, o que, embora demonstre criatividade, evidencia a carência de investimentos públicos. Outro desafio recorrente é a superlotação das salas. Turmas com um número excessivo de bebês dificultam o acompanhamento individualizado e o estabelecimento de vínculos afetivos, que são essenciais nessa faixa etária. O educador, muitas vezes responsável por um grande grupo, não consegue oferecer atenção e acolhimento suficientes para garantir interações significativas.

Além disso, a estrutura física precária de muitas instituições — com salas pequenas, pouca

ventilação, iluminação insuficiente e ausência de espaços externos — compromete o bem- estar das crianças e o trabalho pedagógico. A falta de contato com a natureza, por sua vez, restringe experiências sensoriais fundamentais. Brincar com água, areia, folhas ou observar o movimento do vento e dos insetos são vivências que despertam curiosidade, percepção estética e vínculos com o meio ambiente, mas que muitas vezes não são possíveis nos espaços urbanos fechados. Mesmo diante dessas adversidades, os educadores da Educação Infantil demonstram compromisso e sensibilidade. Através da arte, buscam ressignificar os espaços, criar ambientes acolhedores e estimular a imaginação das crianças. O desafio está em transformar o cotidiano do berçário em um espaço de vida, aprendizado e afeto, mesmo em contextos limitados — tarefa que exige formação continuada,

apoio institucional e valorização profissional.

5 INTERAÇÕES E DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A teoria sociointeracionista de Vygotsky (1998) estabelece que o desenvolvimento das funções psicológicas superiores — como pensamento, linguagem e imaginação — é resultado das interações sociais. No berçário, o bebê aprende e se desenvolve por meio do contato com o outro, construindo significados através de gestos, sons e expressões corporais. O educador, nesse processo, é mediador, promovendo experiências que ampliam a comunicação e fortalecem vínculos.

Wallon (2007) complementa essa visão ao afirmar que o afeto é a base do desenvolvimento cognitivo. Para ele, emoção e razão caminham juntas, e as primeiras relações afetivas determinam a qualidade das aprendizagens futuras. Assim, o vínculo entre bebê e educador é mais que uma relação de cuidado: é uma experiência educativa e fundadora da subjetividade.

Pikler (2019) acrescenta que o respeito ao tempo e à autonomia do bebê é essencial. As interações precisam acontecer de modo livre, em ambientes seguros e acolhedores, permitindo que a criança explore o espaço, os objetos e as pessoas ao seu redor. Essa liberdade é, também, uma forma de arte em movimento — um processo criativo e expressivo da vida cotidiana. As interações no berçário não se limitam a momentos de cuidado ou socialização, mas configuram-se como experiências fundadoras da constituição psíquica, emocional e social do bebê. É por meio dessas relações que a criança constrói sentidos sobre si e sobre o mundo, internalizando formas de comunicação, afeto e pertencimento. Assim, o cotidiano do berçário deve ser compreendido como um espaço educativo intencional, no qual cada gesto, olhar e resposta do adulto assume caráter pedagógico.

6 A ARTE COMO LINGUAGEM DA INFÂNCIA

A arte, na perspectiva de Lowenfeld e Britain (1970), é uma das formas mais ricas de expressão humana e deve estar presente desde os primeiros anos de vida. Para as crianças pequenas, as experiências artísticas — como pintura, música, movimento e manipulação de materiais — não são apenas atividades, mas modos de pensar e de sentir o mundo. A BNCC (2018) reconhece a arte como campo de experiência fundamental (“Traços, sons, cores e formas”), indicando que ela contribui para o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da imaginação. Ao proporcionar experiências estéticas e sensoriais, o educador amplia as formas de comunicação dos bebês e fortalece suas relações interpessoais. Pesquisadores contemporâneos, como Barbosa (2012), defendem que a arte na Educação Infantil deve ser vivida como processo, e não como produto. O foco está na experiência — na textura das tintas, no som dos instrumentos, no gesto, no olhar e no movimento. Quando os bebês participam dessas vivências, eles interagem com o mundo e com os outros de maneira significativa, construindo aprendizagens que integram corpo, emoção e pensamento. Nesse sentido, a arte no berçário não se limita a uma atividade complementar, mas constitui um direito da criança e um meio legítimo de expressão, comunicação e participação no mundo social desde os primeiros anos de vida.

7 DESAFIOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA: MATERIALIDADES, ESTRUTURA E NATUREZA

Apesar das contribuições teóricas e das orientações legais, os profissionais da Educação Infantil enfrentam inúmeros desafios que dificultam a concretização de práticas artísticas e interativas no berçário. Um dos principais obstáculos é a falta de acesso a materiais pedagógicos e artísticos. Muitas instituições não dispõem de recursos básicos como tintas, pincéis, papéis resistentes, instrumentos musicais ou objetos naturais para exploração. Essa carência limita o trabalho com a arte e impede que os bebês experimentem diferentes linguagens expressivas. O educador, por sua vez, precisa improvisar, reutilizar materiais recicláveis e contar com sua criatividade para oferecer experiências significativas. Outro desafio é a

superlotação das turmas. Em muitas creches públicas, o número de bebês por educador é elevado, o que compromete a qualidade do vínculo afetivo e a atenção individualizada. A sobrecarga emocional e física dos profissionais afeta diretamente a intencionalidade pedagógica, reduzindo o tempo de observação e de interação sensível com cada

criança.
As condições estruturais precárias de muitas unidades de Educação Infantil — com salas pequenas, ventilação insuficiente, ausência de espaços externos e mobiliário inadequado —

dificultam o trabalho com atividades artísticas. A falta de contato com a natureza é outro ponto crítico: espaços abertos, gramados, árvores e áreas para exploração sensorial são raros em muitas creches urbanas. Essa ausência empobrece a experiência estética e sensorial das crianças, restringindo o contato com os elementos naturais (água, areia, folhas, luz, vento) que são fundamentais para o desenvolvimento perceptivo e emocional. Essas dificuldades revelam um problema mais amplo: a desvalorização histórica da Educação Infantil no Brasil, marcada pela falta de investimentos e pelo baixo reconhecimento do trabalho docente com bebês. A ausência de políticas efetivas de formação continuada, infraestrutura e condições de trabalho adequadas reflete a contradição entre o discurso da importância da primeira infância e a realidade vivida nas instituições. A dificuldade de garantir experiências artísticas e interações de qualidade no berçário revela uma contradição histórica: embora a primeira infância seja reconhecida legalmente como etapa fundamental da educação básica, ainda persiste a desvalorização das práticas pedagógicas voltadas aos bebês. A ausência de investimentos em infraestrutura, materiais e formação docente evidencia que o direito à educação, à arte e à experiência estética desde o nascimento ainda não se concretiza plenamente para todas as crianças. Observa-se um abismo entre o que as leis propõem e o que a estrutura física das instituições permite. A superlotação das salas é um entrave direto à afetividade: quando um educador possui um número excessivo de bebês, a interação sensível é frequentemente substituída por uma rotina mecânica de higiene. Além disso, a arquitetura das unidades educacionais — muitas vezes 'caixas de concreto' sem jardins ou áreas externas — priva a criança do contato com os elementos da natureza (água, terra, folhas), que são as primeiras e mais potentes ferramentas artísticas do ser humano.

8 ARTE, DIVERSIDADE E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO BERÇÁRIO

A valorização da diversidade cultural não deve ser um tema isolado ou comemorativo, mas sim uma presença constante nas interações cotidianas. Inserir referências africanas e indígenas no berçário é um ato político e pedagógico de descolonização do olhar. Isso se materializa através de:

- Materialidades Naturais: O uso de pigmentos extraídos da natureza (como urucum e açafrão) e argila, que dialogam com os saberes indígenas.
- Musicalidade e Ancestralidade: A introdução de instrumentos de percussão, maracás e cantos tradicionais que fujam do repertório comercial eurocêntrico.
- Representatividade Visual: A garantia de que o bebê interaja com bonecas negras e indígenas, tecidos com estampas étnicas e grafismos ancestrais,

permitindo que o reconhecimento positivo da identidade ocorra desde os primeiros meses de vida.
A beleza e a estética não são elementos secundários na formação do ser humano. No caso da população negra e indígena, a estética é um campo de resistência e de afirmação de uma identidade que foi historicamente negada. Trabalhar isso desde a primeira infância, por meio de materiais, imagens e artes que reflitam a diversidade do povo brasileiro, é garantir que a criança construa uma autoimagem positiva e um respeito profundo pela alteridade (GOMES, 2017, p. 84).

9 A RIQUEZA DE POSSIBILIDADES DO CURRÍCULO DA CIDADE E OS LIMITES ESTRUTURAIS DAS UNIDADES EDUCACIONAIS

O currículo da cidade, em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), reconhece a infância como um tempo de experiências, interações e múltiplas linguagens, valorizando a sensibilidade, a expressão artística e o protagonismo das crianças desde os primeiros anos de vida. No âmbito da Educação Infantil, o documento curricular apresenta orientações que ampliam as possibilidades pedagógicas no berçário, ao incentivar práticas que envolvem a arte, o corpo, o brincar e a exploração sensorial como dimensões fundamentais do desenvolvimento integral.

Sob essa perspectiva, o currículo oferece um referencial potente para a atuação docente, ao compreender a arte como linguagem essencial para a construção de vínculos, a comunicação e a ampliação das experiências estéticas e afetivas dos bebês. As propostas curriculares apontam para a importância de ambientes que favoreçam a interação, a experimentação e o contato com diferentes materialidades, reafirmando o direito das crianças a vivências significativas e humanizadoras. Entretanto, observa-se que a concretização dessas orientações curriculares, em determinados contextos da rede pública, encontra limites relacionados às condições estruturais das unidades educacionais. Em algumas realidades, a disponibilidade restrita de espaços amplos, áreas externas e ambientes naturais pode dificultar a implementação plena de propostas que envolvam movimento, exploração do ambiente e experiências artísticas diversificadas.

Essas limitações espaciais não anulam a intencionalidade pedagógica do currículo, mas evidenciam a necessidade de investimentos contínuos em infraestrutura e organização dos espaços educativos, de modo a ampliar as possibilidades de vivências propostas. A Educação Infantil, especialmente no berçário, demanda ambientes que favoreçam o corpo em ação, a curiosidade e a interação sensível com o entorno, aspectos fundamentais para o desenvolvimento emocional, social e cognitivo dos bebês. Dessa forma, a efetivação das orientações curriculares pressupõe uma articulação entre propostas pedagógicas e condições materiais adequadas. Garantir espaços educativos que

dialoguem com o currículo representa um passo essencial para o fortalecimento das práticas docentes e para a consolidação da arte e das interações como direitos das crianças na primeira infância.

9.1 CAMINHOS POSSÍVEIS: ARTE, SENSIBILIDADE E RESISTÊNCIA

Mesmo diante dos desafios, muitos educadores têm transformado o cotidiano do berçário por meio da arte e da escuta sensível. A arte, nesse contexto, torna-se uma forma de resistência e de humanização. Ao propor experiências artísticas simples — como a pintura com tintas naturais, o uso de instrumentos feitos de materiais reaproveitados ou a contação de histórias com elementos da natureza — o educador promove momentos de prazer, descoberta e vínculo. Essas práticas revelam que a arte não depende exclusivamente de recursos sofisticados, mas de intencionalidade pedagógica, sensibilidade e compromisso ético com a infância. Cada gesto, cada olhar e cada cor compartilhada constituem formas de expressão e comunicação entre bebê e adulto. Promover o acesso à arte no berçário é também um ato político: é garantir o direito à expressão, à beleza e à experimentação desde o início da vida. Assim, políticas públicas que assegurem melhores condições de trabalho, espaços adequados e formação continuada são urgentes para que o potencial das interações e da arte se realize plenamente.

O currículo da cidade e o protagonismo do bebê

O Currículo da Cidade de São Paulo, em harmonia com a BNCC, vê a infância como tempo de múltiplas linguagens. Ele reforça que o bebê é um sujeito potente e curioso. No entanto, a efetivação deste currículo depende de que o espaço escolar seja organizado como um 'terceiro educador'. Sem ambientes que favoreçam o movimento e o acesso autônomo aos materiais artísticos, o protagonismo do bebê torna-se um conceito abstrato, distante da realidade prática das unidades educacionais.

9.2 A DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA NO BERÇÁRIO

A pesquisa no cotidiano do berçário não se limita apenas ao levantamento bibliográfico, mas estende-se à observação atenta das "cem linguagens" das crianças, conceito amplamente difundido por Loris Malaguzzi. A documentação pedagógica surge, então, como uma ferramenta de investigação científica para o educador. Documentar não é meramente registrar eventos ou tirar fotos para murais decorativos; trata-se de um processo de escuta ética e estética que busca dar visibilidade aos processos de aprendizagem dos

bebês.

Ao registrar como um bebê interage com uma nova pigmentação natural ou como ele reage ao som de um instrumento de percussão africano, o educador está colhendo dados para sua prática. Essa "pedagogia da escuta" permite que o professor analise as hipóteses que os bebês constroem sobre o mundo. Conforme aponta Oliveira (2012), a documentação permite que o professor reflita sobre sua própria ação, transformando o berçário em um laboratório de experiências humanas. Quando o educador revisita seus registros, ele consegue identificar avanços na autonomia (Pikler) e nas trocas afetivas (Wallon), consolidando uma práxis baseada na evidência da observação e não apenas na intuição. Dessa forma, a documentação pedagógica atua como um suporte para a diversidade cultural. Ao documentar as diferentes formas como crianças de diversas origens étnicas se expressam através da arte, o educador valoriza a singularidade e combate a padronização. Esse processo investigativo é o que sustenta a qualidade da Educação Infantil, pois permite que o currículo seja vivo e adaptado às necessidades reais de cada grupo de bebês.

9.3 O BRINCAR HEURÍSTICO E OS OBJETOS DE LARGO ALCANCE: UMA ANÁLISE ESTÉTICA E SENSORIAL

Uma das formas mais potentes de pesquisa e prática artística no berçário é o chamado "Brincar Heurístico", conceito desenvolvido por Elinor Goldschmied. Essa abordagem propõe que bebês no primeiro ano de vida tenham acesso aos "Cestos de Tesouros" — coleções de objetos da natureza e da vida cotidiana que não são brinquedos plásticos industrializados. Essa prática dialoga diretamente com a necessidade de materiais naturais e com a valorização das raízes indígenas e africanas discutidas anteriormente. Ao interagir com objetos de largo alcance (pinhas, conchas, colheres de pau, tecidos de algodão, cestos de vime, sementes grandes), o bebê realiza uma pesquisa sensorial profunda. Ele testa peso, temperatura, textura e som. Do ponto de vista estético, essa exploração é o início do pensamento artístico. Diferente do brinquedo de plástico que possui apenas uma função e cores saturadas, o objeto natural é polissêmico: uma pinha pode ser uma árvore, um animal ou um pincel em uma pintura com terra. Essa abordagem exige do educador uma organização rigorosa do espaço, o que a abordagem Reggio Emilia chama de "o espaço como terceiro educador". A seleção desses materiais deve ser intencional. Ao oferecer objetos que remetam às culturas tradicionais brasileiras, o professor promove uma alfabetização estética que foge do eurocentrismo. O desafio, contudo, permanece na manutenção desses materiais e na formação dos auxiliares e professores, que muitas vezes ainda veem esses elementos como "lixo" ou "sujeira", e não como ferramentas de alta complexidade para o desenvolvimento das funções psicológicas

superiores, como defendido por Vygotsky. O Brincar Heurístico é, portanto, o ponto de encontro entre a arte, a ciência e a ancestralidade no berçário.

Considerações finais

A realização desta pesquisa permitiu compreender que as interações no berçário, quando mediadas pela arte e pela valorização da diversidade cultural, deixam de ser meras rotinas de cuidado para se tornarem experiências fundadoras da subjetividade infantil. Conclui-se que o bebê, longe de ser

um sujeito passivo, é um protagonista potente que utiliza as linguagens artísticas — o som, a cor, a textura e o movimento — para significar o mundo ao seu redor. A fundamentação teórica em Vygotsky, Wallon e Pikler revelou que o desenvolvimento integral do bebê depende de um tripé essencial: a mediação social, a afetividade e o respeito à autonomia. No entanto, o estudo evidencia que a teoria só se transforma em prática transformadora quando há intencionalidade pedagógica. Nesse sentido, a inclusão das culturas africana e indígena através de materialidades naturais e repertórios ancestrais mostrou-se não apenas um dever legal, mas uma ferramenta indispensável para a construção de uma educação antirracista e humanizadora desde o nascimento. Entretanto, as análises realizadas também apontam para uma contradição latente: a distância entre as diretrizes avançadas da BNCC e do Currículo da Cidade e a realidade precária de muitas unidades educacionais. A superlotação das salas, a escassez de materiais específicos e a "concretagem" dos espaços escolares, que excluem o contato com a natureza, emergem como barreiras que limitam o direito da criança à experiência estética plena. Portanto, não basta que o educador seja "criativo" ou "resiliente"; é imperativo que existam políticas públicas que garantam investimentos em infraestrutura, materiais representativos da diversidade e, sobretudo, formação continuada e condições dignas de trabalho. Somente assim as interações no berçário deixarão de ser marcadas pela urgência da rotina e passarão a ser, de fato, espaços de beleza, aprendizado e afeto. Investir na arte e na diversidade na primeira infância é, em última análise, investir na construção de uma sociedade mais empática, plural e democrática.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. Inquietações e mudanças no ensino da arte. São Paulo: Cortez, 2012.BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018.
BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador. Petrópolis: Vozes, 2017.
KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. São Paulo: Cortez, 2011.

LOWENFELD, Viktor; BRITTAIN, W. Lambert. Desenvolvimento da capacidade criadora. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PIKLER, Emmi. Educar os três primeiros anos: o respeito ativo. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Educação. Currículo da Cidade: Educação Infantil. São Paulo: SME/COPED, 2019.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
WALLON, Henri. A evolução psicológica da criança. Lisboa: Edições 70, 2007.
OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. Educação Infantil: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2012.

GOLDSCHMIED, Elinor; JACKSON, Sonia. Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche. Porto Alegre: Artmed, 2006.